



**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “ÁGUA ENTRE AS HORAS”, DE
LETÍCIA PALMEIRA**

Wandeir Araújo da Silva¹

shirukaya@yahoo.com.br

1 - A AUTORA E SEUS CONTOS

A produção literária contemporânea tem ganhado muitos contribuintes. Neste rol, encontramos o trabalho de uma escritora paraibana de talento. Letícia Palmeira vive em João Pessoa, Paraíba, onde se tornara graduada em Letras pela UFPB e atua como professora de inglês da rede privada de ensino. Iniciou suas incursões à prática literária através de um *blog* pessoal na internet e em participações em sites e portais especializados, procedimento já bastante comum em nossos dias. Como desdobramento desta atividade, surgiram suas duas publicações, estas coletâneas de contos: *Artesã de ilusórios* (EDUFPB, 2009) e *Sinfônica adulterada* (Multifoco, 2011). É neste segundo livro que encontramos o conto que pretendemos analisar. “Água entre as horas” nos apresenta Alice, uma mulher que relembra alguns acontecimentos passados enquanto, durante uma reunião no Departamento de Educação da instituição onde trabalha, distrai-se para esquecer a noite anterior. Durante este evento específico, Alice se embriagara, acabando por se entregar a impulsos que por muito tempo vinha tentando conter. A situação culmina na mudança de percepção que Alice tem de si, abrindo portas para novas experiências que a projetam para um futuro de menos sofrimento emocional.

2 A VIDA POR TRÁS DE UMA MÁSCARA

Ao longo de nossos tempos os estudos feministas têm influenciado mudanças concretas na vida das mulheres e na forma como essas se percebem como sujeitos sociais. Observamos que, apesar dos reconhecidos avanços na sociedade, de um modo geral, a repressão à mulher ainda persiste. Uma das possíveis saídas encontradas pelas mulheres

¹Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Orientadora: Prof^ª Dr^ª Liane Schneider.

para evitar maiores transtornos foi a de maquiarse numa postura mais “feminina” do que talvez fosse mais adequado à sociedade. Análises trazidas em tempos pós-modernos mostram que as características que temos como “típicas” de uma mulher na verdade não o são: “Butler afirma que ‘feminino’ e ‘masculino’ não são características que nós *possuímos*, mas efeitos que produzimos por meio das coisas específicas que *fazemos* (...)” (CAMERON, 2010, p. 129). Ou seja, uma essência feminina natural não existe, o que foi longamente argumentado pela teoria feminista ao longo das décadas, ainda que se reconheça que há repetições de gestos e situações que acabaram sendo identificados como femininos. O excerto acima mencionado por Cameron se baseia nos estudos da pensadora Judith Butler, que defende que a percepção do que vemos como essencial aos gêneros está muito atrelada a uma conduta sucessivamente representada no intento de firmar-se em um grupo social, procurando causar o mínimo de estranhamento, evitando repressões por ser considerado uma espécie de sujeito “de comportamento desviante”. Em outras palavras, não basta ser mulher; é necessário *parecer* uma, posto que todo estereótipo que temos dos gêneros é construído de modo sociocultural, tendendo a mostrar como “natural” o que não o é. Isso justifica a constatação de que “gênero é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (...) que definem ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’” (CAMERON, 2010, p. 132).

A protagonista de “Água entre as horas” enquadra-se com facilidade as nossas ponderações: “Tenho medo de mim quando perco o controle e por isso modero em tudo. Sempre fui moderada” (PALMEIRA, 2011, p. 31). A citação mostra que Alice teme a crítica por parte das pessoas com quem convive, o que a impulsiona para que molde uma espécie de “máscara” capaz de mostrá-la à sociedade como sendo alguém dentro dos padrões construídos pelo que se deve ter em mente. Apoie pensar no “papel de uma mulher”:

Leio um livro por mês, não saio de casa sem guarda-chuva e leio panfleto de tudo quanto é tipo. Sei tudo a respeito de impostos, política, novela das oito. Sou informada e segura de mim. E agüento reuniões e sei que todo mundo vai discordar em vários pontos, nada vai ser decidido de fato e, depois, lá pelo fim da tarde, vai todo mundo sair de fininho. (PALMEIRA, 2011, p.31)

Nota-se que, apesar da sua consciência da situação e inteligência peculiar, a maior parte de seu tempo a protagonista parece aceitar a “máscara” que tem de compor para ser bem aceita; comprova-se então que “As pessoas *desempenham* gênero de modos

diferentes, em contextos diferentes e, algumas vezes, comportam-se de uma maneira que poderia ser associada ao ‘outro’ gênero” (CAMERON, 2010, p. 133). Portanto, pessoas são maiores e mais imprevisíveis do que as definições que o gênero tenta colar a elas. É importante considerar também que elas pertencem a outros eixos além do gênero, que também as definem.

3 - A HORA EM QUE SE ROMPE A REPRESA

Como vimos, a protagonista tende a agir conforme o âmbito social em que se encontra, preferindo, para fins de auto-proteção, manter-se afastada. Entretanto, sua resistência tende a criar momentos em que se torna impossível a contensão. Deste conflito nascem alguns momentos em que a personagem se encontra fora de si, tais como o ataque de ciúmes que tem ao ver um namorado interessado em outra moça “(...) flagrei Augusto de olho na Glória e rodei a baiana. Até então, nunca havia agido daquela forma. Assim, tão tempestiva” (PALMEIRA, 2011, p. 34). O embate entre suas pulsões e a sua “máscara” é tão forte que acaba influenciando na própria construção da narrativa apresentada. Logo, nos deparamos com uma narradora que pode ser tida como exemplo de uma perspectiva pós-moderna, em que “(...) a figura do narrador passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo *outro* (e não por si) e se afirma pelo *olhar* que lança ao seu redor (...)” (SANTIAGO, 1989, p. 43). Alice narra sua história, mas mantém seu discurso como fruto da incidência de sua focalização sobre as pessoas que a cercam, embora a estrutura do texto apresentado não permita que ela saiba o que pensam estas pessoas, baseando-se apenas em suas impressões (Cf. GENETTE, 1995, p. 192). É diante deste deslocamento de focalização que começamos a perceber o que a protagonista tem tentado a todo custo reprimir.

Ao lermos “Água entre as horas”, percebemos ao menos dois tipos de pensamentos por parte da narradora. Quando ela focaliza os homens com que convive ou conviveu, o discurso é de exaltação, admiração: “O amor da gente foi bonito e guardo o sorriso do Otávio. Seria perfeito carregar o sobrenome dele, mas não deu” (PALMEIRA, 2011, p. 32). Em contrapartida, ao voltar suas percepções para as mulheres, sua conduta é de aversão, senão de desconforto: “Glória não duraria tanto tempo. Porque eu tinha dinheiro e lingerie e cultura. Ela não. Pobre e mal falada” (PALMEIRA, 2011, p. 35). Evidentemente, estes tipos de pensamentos não são os únicos, mas montam um recorte que nos possibilitam ver que Alice admira os homens e repudia as mulheres. Todavia, o evento

que ocorre no clímax do conto, onde ela é beijada por uma colega de trabalho, serve como epifania à narrativa, fazendo-nos apreender outra perspectiva sobre o comportamento da narradora. Percebemos que, na verdade, o repúdio às mulheres era também parte de sua máscara, para que não fosse percebida sua inclinação homossexual, seu desejo por elas. Durante todo o conto, vemos então que Alice fala como se repudiasse toda e qualquer concorrente, mas, na verdade, está desejando veementemente que alguém a conduza a uma nova experiência que a permita descobrir sua identidade diferenciada, por tanto tempo ocultada. Fica claro que as instituições são determinantes para seu comportamento reprimido, já que para poder ocupar espaço social, ela deve adequar-se. Lembremos que um dos argumentos usados contra o homossexualismo é o que diz respeito à:

[...] necessidade de preservação da instituição ‘família’ – heterossexual e reprodutora – como célula base da sociedade, resistindo ao reconhecimento de outras formas de vida familiar, parentesco e modos de vida que emergem no tecido social (ARAN, 2009, p. 663).

O trecho supracitado parece, então, justificar a aversão que Alice tem com relação à família como instituição, “Nem cheguei a me casar. Nada sei a respeito de filho, escola de filho, encontro de casais e outras bobagens. Regina, você não morreu, mas descansa em paz” (PALMEIRA, 2011, p. 33). Tal traço da vida de Alice parece mostrar um defeito seu, já que, dentro de grupos patriarcais, casamento e filhos legitimariam o papel da mulher, prevendo um desejo desta necessariamente voltado ao sexo oposto. Ao término do conto, novamente nos deparamos com a imagem do relógio com água por dentro da lente, que agora ganha sentido e amplitude, pois os ponteiros contra a água remetem à figura da própria protagonista remando contra a maré, ou seja, lidando com as adversidades impostas pelo contexto sociocultural a que se submete na busca por identidade e felicidade.

4 CONCLUSÃO

Podemos considerar natural que se adote certa resistência à análise de textos da literatura hodierna. Não sabemos como as convenções e tendências estéticas se comportam com exatidão, o que implica em receio de que o que temos hoje logo desapareça, ou seja, acabe sendo considerado pela maioria como algo de má qualidade. O tempo é que tem consolidado as obras entre os grandes clássicos, pelo menos segundo as tradições.

Estaríamos sugerindo que a obra de Letícia Palmeira possa ser disposta junto a de grande nomes da literatura? Não, esta pergunta, como já salientamos, depende de inúmeros fatores, impossíveis de apreender neste curto espaço, inclusive por que tal discussão escaparia ao trabalho de crítica literária que aqui nos propomos. Entretanto, mediante nossa observação do contexto da contemporaneidade, não podemos contestar, ao menos, a qualidade literária de “Água entre as horas”. As observações que fizemos sobre a representação de gênero dentro deste texto só se mostraram possíveis devido à preocupação estética por parte da autora. O cuidado na construção de uma narradora que se questiona e problematiza, que chama a atenção às próprias disparidades, só engrandece uma narrativa que, apesar de curta, é capaz de desnudar-se em múltiplos olhares, convidando o leitor a desvendá-los. A certeza que fica após esta análise é a de termos apreciado um bom exemplo de narrativa, que justifica sua escolha para um estudo como o aqui exposto.

REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia. “A psicanálise e o dispositivo diferença sexual”. In: *Revista Estudos Feministas*, vol.17 n°3. Set./Dec. 2009. Florianópolis: Editora UFSC, 2009, p. 653 – 673. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n3/v17n3a02.pdf> > Acesso em: 21 set 2011.

CAMERON, Deborah. “Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual”. In: LAKOFF, Robin [et al.]. *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 129 – 149.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. 3ª ed. Lisboa: Veja, 1995 (coleção Veja Universidade).

PALMEIRA, Letícia. “Água entre as horas”. *Sinfônica adulterada*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011, p.3 1 – 36.

SANTIAGO, Silviano. “O narrador pós-moderno”. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 38 – 52.

